

Entre a caridade, a filantropia e o direito social: as representações sociais sobre trabalho de cuidadoras de um abrigo institucional

Anadélia Rossi¹, Rosemeire Ap. Scopinho²

1. Estudante de IC da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar; *anadeliarossi@gmail.com

2. Pesquisadora do Depto.de Psicologia, UFSCar, São Carlos/SP

Palavras Chave: *abrigo, cuidadoras, representações sociais.*

Introdução

Ao longo da história, a temática dos abrigos institucionais para crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social passou por transformações com o atravessamento de discursos que representam a ação caritativa, a ação filantrópica e do direito social.

Em países desenvolvidos e em desenvolvimento assiste-se o aumento da população que necessita de cuidados (crianças), o aumento da presença feminina no mercado de trabalho e a abertura de novos setores de serviços que demandam o cuidado e a atenção ao outro com a implicação das emoções humanas. O campo de estudo sobre estas relações é denominado *trabalho do care* (HIRATA, GUIMARÃES, 2012) e é entendido como um conjunto de ações que incluem qualquer tipo de atenção pessoal, constante e ou intensa, que visa melhorar o bem estar daquele ou daquela que é cuidado.

No âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), o trabalho realizado por Educadores (as)/Cuidadores (as) nos Serviços de Acolhimento Institucional é um campo fértil para estudos que buscam compreender como a operacionalização da legislação vem sendo realizada e como esses trabalhadores lidam com a função do cuidado. Entretanto há uma lacuna na literatura no que se refere à análise do trabalho de cuidadoras em entidades de acolhimento que ressalte o processo emocional e subjetivo inerente a este tipo de trabalho. Portanto, o objetivo deste trabalho foi investigar as Representações Sociais (GUARESCHI, JOVCHELOVITCH, 2008) das cuidadoras de um abrigo institucional, a Casa Abrigo de Bariri-SP, sobre o campo da Assistência Social e sobre o *trabalho do care* que realizam.

Resultados e Discussão

Por meio de levantamento bibliográfico foi caracterizado o panorama sobre as histórias das instituições de acolhimento e o processo de construção e princípios da política de Assistência Social no Brasil. A investigação de documentos disponibilizados pela instituição permitiu conhecer a história da Casa Abrigo. O trabalho de campo, baseado na abordagem etnográfica, resultou em observações registradas em diário de campo que deram embasamento para a criação de entrevistas semi-estruturadas realizadas com as cuidadoras, as quais foram gravadas e transcritas. O processo de triangulação dos dados foi utilizado para articular o corpo teórico, a observação da realidade e as representações simbólicas com a transformação dos dados em núcleos de sentido e categorizações sobre o tema.

Desse modo, os significados atribuídos pelas cuidadoras à política de Assistência Social revelaram que suas representações sobre a legislação, ou seja, “aquilo que está no papel” e todo o processo de abrigamento que perpassa outros equipamentos da Assistência Social

estiveram ancoradas na ideia de *frieza*, de *distanciamento* da realidade do abrigo, enquanto o trabalho prático cotidiano, onde há um envolvimento subjetivo entre trabalhadores da Casa e atendidos, foi ancorado na ideia da implicação de um *sentimento*, do *amor*, para que este seja um trabalho de sucesso.

Sobre as representações acerca do *trabalho do care*, têm-se que a ideia do *cuidado* estava ancorada em *qualificações sociais* que englobam atributos como a *paciência*, a *calma*, o *sigilo*, a *confiança*, o *equilíbrio*, o *jogo de cintura*, sendo todos eles relacionados com o *trabalho emocional*, onde há o envolvimento afetivo, há o amor, de onde partem a *gratificação* pelo trabalho realizado (quando há retribuição deste afeto na relação entre cuidador e sujeito) ou a *decepção* (quando há o afastamento, quando o afeto ofertado é negado pelo sujeito).

Os valores apontados pelas cuidadoras como indicadores de um “bom” cuidado, historicamente, foram atribuídos ao papel feminino, à função da mulher, da “mãe”. Por isso, a atuação feminina em maioria no setor de cuidados é evidente, fator que pode servir tanto para a reprodução deste modelo de divisão quanto para o reconhecimento da desigualdade de gênero explícita por meio do mercado de trabalho.

Com a emergência dos discursos que confrontam e debatem os papéis de gênero e o modelo de família patriarcal na contemporaneidade cria-se um cenário favorável para a reflexão destes condicionamentos sociais e este panorama do cuidado parece ser um campo fértil e contraditório para que argumentos em favor da igualdade de gêneros sejam construídos e façam frente aos discursos de dominação que circulam em equipamentos de nossa cultura e em nossas representações.

Conclusões

As categorizações e núcleos de sentido criados a partir das falas das cuidadoras devem ser pensados sem qualquer atribuição de valor que remeta ao gênero, feminino ou masculino, tendo em vista que o *care* é uma experiência *humana* que independe deste fator, desde que a intenção do cuidador ou cuidadora esteja voltada para o compromisso ético e político de realização plena de um direito social conquistado ao longo da história.

Agradecimentos

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Referências:

- HIRATA, H; GUIMARÃES, N. A. *Cuidado e Cuidadoras: As Várias Faces do Trabalho do Care*. São Paulo: Atlas, 2012. 248 p.
GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. *Textos em Representações Sociais*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 324 p. (Coleção Psicologia Social).